

# Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso\*

---

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante\*\*  
Universidade Federal da Paraíba

## Resumo

Este artigo busca mostrar as primeiras interações entre mãe e bebê envolvendo o uso de gêneros do discurso dentro da esfera familiar, mostrando como, a partir das estratégias de atenção conjunta, as rotinas interativas começam a se organizar em torno de gêneros orais diversos: como a conversa, o jogo, a história, as cantigas. Para isso, trabalho com autores como Bruner (1983) Tomasello (2003) e McNeill (1985) no que diz respeito à aquisição da linguagem e gestualidade, respectivamente; e Bakhtin (1979), no que se refere aos gêneros textuais. Analisamos dados de duas díades mãe-bebê entre dois e dezoito meses de vida da criança. A análise mostra que a criança se insere nos gêneros da esfera familiar desde muito cedo, fazendo uso da multimodalidade – gestualidade concomitante às produções verbais (balbucio, variações prosódicas e holófrases) - tal como propõe McNeill (1985), quando afirma que gesto e fala partem de uma mesma matriz de significação.

**Palavras-chave:** primeiras interações; mãe e bebê; gêneros do discurso; esfera familiar; multimodalidade.

## Abstract

This article presents the first interactions between mother and baby concerning the use of genres in the familiar sphere, showing how, from the strategies of joint attention, the interactive routines begin to be organized around speech different genres, like the conversation, the play, the history, and the lullabies. For that, I work with authors like Bruner (1983), Tomasello (2003) and McNeill (1985) as far as the acquisition of the language and gesture are concerned; and Bakhtin (1979) in relation to the analysis of the textual genres. We analyse data of two dyads

---

\* Recebido em 08 de outubro de 2008. Aprovado em 27 de outubro de 2008.

\*\* Doutora em Linguística pela Unicamp, é coordenadora do Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita da UFPB.

mother-baby (age between two and eighteen months). The analysis shows that the child from much early inserts in the genres of the familiar sphere by means of multimodality - gesture concomitant to the verbal productions (babbling, prosodic variations and holophrase) - as it is proposed by McNeill (1985), when he affirms that gesture and speech are a single system, the two operating as an inseparable unit.

**Key words:** first interactions; interaction mother — baby; textual genres; familiar sphere; multimodality.

### **Résumé**

Cet article vise à montrer les premiers interactions entre la mère et l'enfant impliquant l'usage de genres de discours dans la sphère familiale, en montrant comment, à partir de stratégies communes pour l'attention, routines communiqués commencent à s'organiser à partir de plusieurs généreux de l'oralité: la façon de parler, de jouer, d'histoire, les berceuses. Pour ce faire, travaille avec des auteurs comme Bruner (1983) Tomasello (2003) et McNeill (1985) concernant l'acquisition du langage et de geste, respectivement; et Bakhtine (1979), en ce qui concerne les genres textuels. Nous avons analysé les données de deux mères et leurs bébés entre deux et dix-huit mois de vie. La montre que l'enfant relève de la sphère familiale genres très tôt, faisant usage de la multimodalité - simultanément geste de productions verbales (babillage, la prosodie et les variations holophrases) - tel que proposé McNeill (1985), ce geste et la parole de la même matrice de sens.

**Mots-clé:** premiers interactions; la mère et l'enfant; genres de discours; la sphère familiale; la multimodalité.

### **Uma introdução mais que necessária...**

Início este artigo falando/escrevendo sobre a minha emoção de poder participar de uma publicação que homenageia Luiz Antônio Marcuschi. São muitas as alegrias, primeiro pela afetividade que está me garantindo este lugar de fala, tanto como amiga quanto como orientanda<sup>1</sup> do MESTRE.

Minha formação como pesquisadora se inicia sob o acolhimento de Marcuschi, ao me orientar no mestrado. Digo acolhimento porque não escolhi como foco de pesquisa o texto, objeto marcuschiano por excelência, mas a fala em aquisição, mais especificamente, o gesto de apontar, numa perspectiva psicolinguística. E mesmo assim, ele aceitou me orientar... Para quem conhece Marcuschi, isto é o seu modo de ser, pois ele 'se permite' dialogar com outras áreas, sem preconceitos! E isto

---

<sup>1</sup> Continuo sendo, mesmo hoje já doutora.

culminou na conclusão do Mestrado e no incentivo dado por ele, para dar continuidade ao tema no doutorado, como ele dizia "saia de Recife... vá ver outras coisas menina!" E eu fui, e voltei alguns anos depois, e sou novamente acolhida, agora (naquele momento) fazendo parte de seu grupo de pesquisa, o NELFE, e com posições teóricas bastante diversas do sócio-cognitívismo proposto, já que estava/estou no campo do discurso e de um certo 'submetimento à língua', perspectiva diversa dele, mas mesmo assim, a acolhida permanece... e se faz presente hoje na escrita deste artigo, que busca pôr em diálogo a aquisição da linguagem e os gêneros textuais.<sup>2</sup>

A VOCÊ MARCUSCHI, COM MUITO CARINHO!!

### **Estruturando noções fundamentais...**

Partilho da premissa de que gesto e fala formam um conjunto que não pode dissociar-se. Esta perspectiva se baseia na concepção de que o funcionamento da língua é sempre multimodal (McNeill 1985).

A perspectiva de McNeill (1985) propõe que gesto e fala se encontram integrados numa mesma matriz de produção e significação, afirmando que "a ocorrência de gestos ao longo da fala implica que durante o ato de fala dois tipos de pensamento, imagístico e sintático, estão sendo coordenados". Isto é, são constitutivos de um único sistema lingüístico.

Kendon (2000) afirma que a investigação sobre gestos dentro de uma perspectiva lingüística pouco se desenvolveu e, com a reorientação da Lingüística ocorrida sob a influência de Chomsky, que trouxe os estudos lingüísticos para uma espécie de ciência mental, fez com que os aparentes e desaparecidos interesses no estudo da linguagem gestual fossem novamente reunidos enquanto um tópico de inquirição (Kendon 1982). E, sendo uma real consequência da análise da língua enquanto parte de uma ciência mental, com ênfase nos estudos dos processos cognitivos, hoje são revigorados os estudos dos gestos por parte daqueles que se interessam pelo estudo da língua. Assim, se a língua é posta como uma atividade cognitiva e, se as expressões gestuais estão intimamente envolvidas em atos da expressão lingüística falada, então parece razoável observar os gestos mais aproximados do campo das atividades cognitivas. Isto fundamenta uma nova forma de pôr e analisar a questão do relacionamento existente entre os gestos e a língua (Kendon 2000:49).

Percebe-se que Kendon (2000) situa o estudo dos gestos enquanto atividade cognitiva. Apesar da relevância dos trabalhos

---

<sup>2</sup> Neste artigo adotarei a nomenclatura gêneros discursivos já que o viés adotado aqui é o da prática discursiva.

pioneiros do autor e do enfoque cognitivista a eles atribuído, nesta pesquisa privilegiaremos uma perspectiva interacionista;<sup>3</sup> nesta direção há pesquisas como a de Laver (2001).

Laver (2001) ressalta a importância do gesto no processo interativo. De acordo com o autor, ao analisarmos qualquer comportamento comunicativo, é fundamental que compreendamos a relação entre abstrações idealizadas da intenção comunicativa e as variações das realizações físicas detalhadas de cada indivíduo e entre indivíduos. Ou seja, a diferença entre o que foi idealizado para a comunicação e o que realmente acontece. Destacando que, embora haja gestos comuns a uma comunidade falante, tais gestos variam de pessoa para pessoa e há, ainda, fatores intrapessoais que afetam cada indivíduo e precisam ser considerados quando se faz uma descrição de uma interação.

Buscando uma definição para gesto, McNeill (2000:1) afirma ser este é um termo que necessita explanação, uma vez que não temos **gesto** no singular, mas **gestos**. Ele afirma que prefere o termo no plural, pois há diversos momentos em que precisamos distinguir movimentos corriqueiramente nomeados de gestos. Assim, o autor apresenta um contínuo para vários movimentos chamados de gestos, elaborado por Kendon (1982) e é conhecido como o “contínuo de Kendon”.<sup>4</sup>

Os gestos que formam este contínuo são: a gesticulação; a pantomima; os emblemas; a(s) língua(s) de sinais. A gesticulação caracteriza-se como os gestos que acompanham o fluxo da fala, envolvendo braços, movimentos de cabeça e pescoço, postura corporal e pernas, possui marcas da comunidade de fala e marcas do estilo individual de cada um; a pantomima são gestos que ‘simulam’ ações ou personagens executando ações, é a representação de um ato individual, tem um caráter de narrativa, pois envolve uma seqüência de micro ações; os emblemas ou gestos emblemáticos são aqueles determinados culturalmente (são convencionais) tais como o uso, em nossa cultura, do gesto que envolve a mão fechada e polegar levantado significando aprovação; a língua de sinais enquanto sistema lingüístico próprio de uma comunidade, no nosso caso, a LIBRAS.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Como destaca Morato (2004) na lingüística a noção de interação é bastante polissêmica. Na aquisição da linguagem temos desde uma vertente caracterizada pelos trabalhos de Vygotsky (1979) e Bruner (1975; 1983), privilegiando o aspecto da mediação e a natureza das atividades interativas na relação adulto-criança; até o interacionismo representado pelos trabalhos de De Lemos (1992, 1995), que contempla a interação como o espaço da estrutura em que comparece a criança como sujeito falante, o outro como representante da língua e própria língua em funcionamento.

<sup>4</sup> “Kendon’s continuum”.

<sup>5</sup> Língua Brasileira de Sinais.

Kendon (1982) organiza seu contínuo a partir de quatro relações estabelecidas entre gesto e fala: relação com a produção de fala (1); relação com as propriedades lingüísticas (2); relação com as convenções (3), relação com o caráter semiótico (4), conforme tabela a seguir:

	Gesticulação	Pantomima	Emblemáticos	Língua de sinais
<b>Contínuo 1</b>	Presença obrigatória de fala	Ausência de fala	Presença opcional de fala	Ausência de fala
<b>Contínuo 2</b>	Ausência de propriedades lingüísticas	Ausência de propriedades lingüísticas	Presença de algumas propriedades lingüísticas	Presença de propriedades lingüísticas
<b>Contínuo 3</b>	Não convencional	Não convencional	Parcialmente convencional	Totalmente convencional
<b>Contínuo 4</b>	Global e sintética	Global e analítica	Segmentada e analítica	Segmentada e analítica

Se analisarmos os tipos de gestos dentro dos contínuos da esquerda para a direita (Gesticulação — Pantomimas — Emblemáticos — Língua de Sinais) percebemos que: a presença obrigatória de fala diminui; a presença de propriedades lingüísticas aumenta; os gestos individuais são substituídos por aqueles socialmente regulados.

Como se observa, há muito a dizer a respeito da relação gesto e fala enquanto matriz de significação, discussão que vem se colocando para a Lingüística a partir do momento em que a fala e a oralidade têm se destacado nas pesquisas atuais.

Neste sentido, entendemos por *fala* toda forma de produção discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons articulados e significativos, bem como aspectos prosódicos e uma série de recursos expressivos de outra ordem: gestualidade, movimentos corporais, mímica (Marcuschi 2005).

A *fala* em sua caracterização é concebida na sua relação com recursos de outra ordem, como salienta Marcuschi (2005), isto é, a *fala* integra outras modalidades, caracterizando-se enquanto multimodal. É justamente esta a perspectiva que norteará este artigo.

## **A relação gesto e fala em aquisição da linguagem: construindo o estatuto lingüístico desta matriz**

Na aquisição da linguagem, autores como Bruner (1975; 1983) dedicaram-se ao estudo da relação entre gesto e fala, mas concebendo-o como modalidades comunicativas de períodos distintos na aquisição da linguagem. Assim, o uso do gesto seria característico do chamado período pré-lingüístico da criança e desapareceria em função da emergência da fala, do sistema lingüístico.

Partindo do princípio de que, desde o nascimento, a criança está inserida em eventos comunicativos com o(s) adulto(s) que a cerca(m) e, através dele(s), vai aprendendo a expressar seus desejos, bem como a entender os desejos dos outros, mesmo quando ainda não domina as formas lingüísticas, Bruner (1975; 1978; 1983) introduz a noção de intersubjetividade, representada pelo termo “*joint activity*” e “*shared attention*” — *atenção conjunta ou conjugada, atividade partilhada*, entre a criança e o outro, seu parceiro interativo. A concepção de intersubjetividade<sup>6</sup> refere-se à função de “acordo” entre os sujeitos falantes. Privilegiando a intersubjetividade, Bruner acompanha longitudinalmente algumas díades mãe-criança, em situações espontâneas, filmando-as com *videotape* (uma novidade tecnológica de que dispôs na época), o que possibilitou uma análise cuidadosa dos seus dados. Em suas análises, ele observa, primeiramente, que a mãe sempre infere as intenções do bebê, procurando dar significado a todas as suas ações. Em seguida, observa o alto grau de standardização, pela mãe, de algumas formas de atenção conjugada com a criança, que ajudam a criança a interpretar seus sinais, gestos e intenções.

Com relação aos períodos pré-lingüístico e lingüístico, Bruner defende a hipótese da continuidade estrutural entre a comunicação pré-verbal e a verbal, afirmando que os comportamentos sociais do bebê são precursores da linguagem verbal. Segundo o autor, a criança, antes de ter a competência de enunciar uma sentença, necessitaria incorporar um conhecimento implícito construído no nível do ‘comportamento ostensivo’, não-lingüístico, em que gestos são interpretados pelo adulto como significativos. Assim, os comportamentos sociais do bebê seriam precursores do aparecimento da linguagem.

Nessa perspectiva, o balbúcio, os gestos e as holófrases garantiriam o lugar dos itens lexicais e das categorias gramaticais maduras da língua

---

<sup>6</sup> Diferente de Bruner, trabalho com a noção de intersubjetividade suposta, isto é, na relação mãe-bebê há sujeitos supostos ‘a mãe’ e o ‘bebê’ sustentados pela dialogia que se estabelece desde o nascimento, quando a mãe, supõe o bebê como interlocutor e fala “como se” fosse ele, numa “fala que denominamos atribuída”.

(sujeito — verbo — objeto). Com o conceito de *format*, que resume algumas regularidades sociais presentes nos eventos de rotina da criança (a hora do banho, das refeições, das compras, ou de atividades de leitura), o autor hipotetiza que as atividades entre a mãe e a criança exerceriam uma função pragmática, e as séries de ações rotinizadas favoreceriam uma base sólida para a aquisição de linguagem.

Porém, o problema com a proposta de Bruner é que é muito difícil apresentar evidências lingüísticas de continuidade desenvolvimental entre ação conjunta e sistemas lingüísticos de caso e transitividade. Desta maneira, seu argumento de que a continuidade estrutural é explicada através da apreensão gradual, pela criança, dos esquemas de ação e atenção conjugados perderam forças e o autor passa a optar por uma “visão facilitativa”, na qual a interação social deixa de ser constitutiva da gramática, para assumir um papel facilitador, através do qual a criança apreende a gramática mais cedo. O processo de facilitação social foi denominado por Bruner (1975) de *andaimagem*, e ilustrado com interações estruturadas, como nos jogos de rotina, entre outras atividades, em que o(s) adulto(s) ajuda(m) a criança a construir gradativa e progressivamente enunciações mais formais e efetivas.

Há críticas a esta perspectiva facilitativa de Bruner (1975; 1983) apresentadas em De Lemos (1986), mostrando que o autor defende um ‘interacionismo fraco’ no qual o papel do adulto interlocutor na dialogia é de detentor da língua a ser apreendida pela criança. E acrescenta que, desde o surgimento da perspectiva interacionista, o foco de análise deixou a criança e passou à relação dialógica. Entretanto, o rumo desse interacionismo, muitas vezes, caminhou para uma concepção facilitativa ou facilitadora, na qual o adulto seria o provedor do “input” e mediaría essa aquisição.

O problema com a maioria das teorias que estudam a interação é que embora mostre que a transmissão cultural ocorre como parte de uma interação mútua, privilegiando o processo, o resultado final é que a criança parece **aprender** ações apropriadas culturalmente diretamente dos seus interlocutores (Cavalcante 1999).

Além disso, um outro equívoco da perspectiva de Bruner é conceber a língua enquanto sistema puramente gramatical, logo a passagem do que ele denomina de *formats* para as categorias lingüísticas torna-se inviável. Há, pois, a necessidade da mudança da própria noção de língua. Assim, concebemos a língua enquanto funcionamento, isto é, no sentido de que ela é uma prática discursiva na qual os sujeitos se constituem e, ao mesmo tempo garantem, o seu lugar de falantes. E tal funcionamento se presentifica tendo como materialidade os gêneros textuais, assim, há a possibilidade de articular a matriz gesto e fala em aquisição da linguagem, nas interações mãe-bebê vista como primeiros

esboços dos gêneros textuais na esfera familiar. Esta é a concepção de base que move este artigo.

Outros autores, além de Bruner, nos últimos anos se dedicaram à relação entre gesto e fala no processo de aquisição da linguagem, muitos deles enfatizando um gesto específico — o apontar. A literatura em aquisição da linguagem no que se diz respeito à atividade referencial destaca o gesto de apontar como o mais explícito comportamento gestual, utilizado pela criança, para fazer referência a um dado objeto no mundo (Bates; O'Connell; Shore 1987).

Alguns autores como Werner e Kaplan (1963), preocuparam-se em analisá-lo numa perspectiva ontogenética, detendo-se nas suas origens. Segundo Werner e Kaplan (1963), existem dois meios para se expressar a referência: o gestual-motor e o articulatório vocal. No gestual-motor, o comportamento referencial emerge dentro de situações pragmáticas em atos como os de pegar objetos. De forma análoga, no meio vocal a função referencial emerge através de expressões que demonstram esforço vocal em direção a um objeto: sons "gritados". Para eles estas formas comunicativas, apontar e expressões vocais, emergem juntas de uma mesma matriz e gradualmente se diferenciam.

Há pesquisas que vinculam a ontogênese do apontar à emergência de alguns termos na língua como 'dêixis' e 'atos de fala' (Bates; Camaioni; Volterra 1987). Esta perspectiva concebe a vinculação deste e de outros gestos, no período de transição para a linguagem, como precursores dos performativos da língua (declarativos e imperativos). Tais gestos recebem a seguinte nomenclatura: *protodeclarativos* e *proto-imperativos*. Os denominados *protodeclarativos* são caracterizados quando a criança destaca um objeto no mundo para seu parceiro. Os *proto-imperativos* são caracterizados quando a criança usa o adulto para obter um dado objeto. A emergência de gestos *protodeclarativos* e *proto-imperativos* é notada quando a criança, começa a entender que suas próprias ações não são a origem de todos os eventos no mundo.

A caracterização destes comportamentos gestuais como *protodeclarativos* ou *proto-imperativos* estão inseridos no ato interativo. Segundo Dore (1979) sua caracterização é determinada a partir da interpretação dada pelo parceiro adulto ao comportamento gestual deflagrado pela criança. Desta forma, o "status" do comportamento deflagrado vai depender da interpretação que o adulto der a ele.

Seguindo uma perspectiva interacionista, desenvolvi uma pesquisa discutindo a natureza do gesto de apontar na aquisição da linguagem<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> *O Gesto de apontar como processo de co-construção na interação mãe-criança.* Dissertação de mestrado inédita, [sob a orientação de L. A. Marcuschi]. UFPE, Recife, 1994.



(Cavalcante 1994). O objetivo consistia na compreensão do gesto de apontar enquanto elemento dêitico fundamental no estabelecimento da referência lingüística nas interações mãe-criança. Assim, através de uma investigação longitudinal acompanhei uma díade mãe-bebê ao longo dos primeiros vinte e quatro meses de vida da criança, percorrendo desde o uso assistemático do gesto de apontar e a emergência de 'morfologias gestuais', até sua ritualização, visando à topicalização de referentes na dialogia mãe-bebê.

Em trabalhos vinculados ao grupo de pesquisa de McNeill, Goldin-Meadon (1993; 2000) têm sido desenvolvidas pesquisas visando confirmar a hipótese de que gesto e fala constituem uma matriz de significação. Pesquisas como as de Butcher e Goldin-Meadow (2000), Goldin-Meadow (1993), Goldin-Meadow, Alibali e Church, (1993) e McNeill (1985; 2000) têm estabelecido um novo olhar no que diz respeito ao uso e papel do gesto na linguagem e em especial na aquisição. Como se observa, há muito a compreender sobre a relação entre gesto e fala em aquisição da linguagem.

Com vistas a compreender a emergência dos gêneros discursivos tendo o locus mãe-bebê como unidade de análise<sup>8</sup> busco demonstrar como o estabelecimento da unidade dialógica, constituída na matriz gesto e fala, e se presentificando a partir dos momentos de *face a face*, passando pela *atenção conjunta* e todo este percurso sustentado pela fala em *manhês*, discutidos a seguir, propicia os primeiros esboços de gêneros discursivos da esfera familiar. Ao mesmo tempo em que mostrarei este percurso no próximo tópico, dialogarei com a perspectiva teórica dos gêneros discursivos de Bakhtin (1979), estabelecendo assim uma análise em interface.

### **A matriz dialógica mãe-bebê e a entrada nos gêneros da esfera familiar**

Posso dizer que o diálogo em aquisição da linguagem se dá a partir do momento em que a mãe supõe o bebê como um interlocutor, para isso, um funcionamento relacional passa a se estabelecer a partir da constituição daquilo que a literatura denomina de 'face a face', que consiste em situações nas quais mãe e bebê interagem olhando um para o outro e que podem ser seguidos por troca de sorrisos, produções vocais, movimentos faciais, etc. (Cavalcante 1994). Estas situações são sustentadas pela fala em 'manhês' que se caracteriza como um tipo de fala dirigida à criança cujas modificações prosódicas mais freqüentes são: freqüência fundamental mais alta, âmbito de altura maior, preferência por certos contornos (sobretudo os tons ascendentes), uso de falsetto, cadencia

---

<sup>8</sup> Em Cavalcante e Naslavsky (a sair) discutimos 'mãe-bebê' como matriz relacional indissociável, para esta discussão remetemos ao artigo citado.

mais lenta, partes sussurradas do enunciado, duração prolongada de certas palavras, mais de um acento frasal, etc. (Cavalcante 1999:47).

Dentro deste contexto em 'face a face', o uso do 'manhês' traz à tona aquilo que denomino de 'fala atribuída', que consiste na atribuição de voz ao bebê, é quando a mãe fala "como se fosse o bebê" (Cavalcante 1999). Tal funcionamento é iniciado muito antes de qualquer intenção propriamente comunicativa do bebê, no momento em que o bebê tem o seu lugar de interlocutor marcado na fala materna - quando esta fala como se fosse o bebê. Aqui a mãe põe em evidência a própria criança, no papel de locutor, ao atribuir-lhe "voz". O fragmento a seguir<sup>9</sup> demonstra esse papel de intérprete materno, em que é possível observar no uso do manhês a atribuição de fala ao bebê.

**Face a face.... Fala atribuída em manhês.... Iniciando a interlocução...  
Construindo o gênero diálogo.  
Fragmento 1**

A mãe está colocando o bebê (1 mês e 5 dias) na banheira, que enquanto era despido chorava incessantemente.

Mãe	Bebê
1 É nenê, hum/olha. Olha a aguinha! Aguinha!	o bebê é colocado na água bem devagar, sua posição é de tensão corporal, membros inferiores e superiores rígidos
2 (registro baixo, próximo ao cochicho) Aguinha. Aguinha olha! Devagarzinho, olha!	
3 (falsete - mais agudizada e volume baixo) Eita que aguinha gostosa, mãe! Viche, mãe!	quando faz xixi e a mãe o tira da água por alguns segundos o bebê permanece quieto observando

---

<sup>9</sup> Todos os dados deste artigo fazem parte do corpus do LAFE — Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita da Universidade Federal da Paraíba.

Neste fragmento, a mãe faz um convite ao bebê nos turnos 1 e 2 e, logo em seguida, marca o lugar discursivo do bebê atribuindo-lhe uma interpretação possível no turno 3: a de que o bebê poderia achar a água do banho agradável. Porém, o comportamento do bebê (posição corporal de tensão, contração dos membros inferiores e superiores, expressão facial contraída) é oposto ao discurso a ele atribuído. Mesmo assim, a atribuição de satisfação se faz presente, numa atribuição, na verdade, muito mais materna do que do bebê, o que não impede esta fala de funcionar como de um outro, do bebê. Assim, a atividade especular,<sup>10</sup> própria da díade mãe-bebê, e representada na eleição pela mãe do bebê como um interlocutor desde o nascimento — como nas produções maternas, quando a mãe fala "*como se*"<sup>11</sup> fosse o bebê — caracteriza, então, um momento único em que o lugar dialógico do bebê é manifesto.

A partir da instauração do lugar dialógico do bebê, pela mãe, tem-se o primeiro esboço do gênero diálogo, dentro da esfera familiar, pois como destaca Bakhtin (1979:301)

[Os] gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática. [...] Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados. [...] Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais. [...] Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

Logo, as primeiras interações, necessariamente, se dão inseridas em gêneros discursivos, como o fragmento 1 mostrado acima, em que há o diálogo se constituindo a partir da atribuição de voz ao bebê.

Daí a definição de Bakhtin (1979:279)

[de que] qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas **cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados**, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (grifo meu).

---

<sup>10</sup> Especular aqui é utilizado tal como propõe De Lemos (1986).

<sup>11</sup> Termo já utilizado por Lyra & Rossetti-Ferreira (1989). Denomino este tipo de funcionamento como 'fala atribuída'.

Assim, na esfera familiar teremos como gênero-base, o diálogo,<sup>12</sup> concebido desde a suposição de um interlocutor – no caso o bebê - e sustentado a partir da matriz gesto e fala.

### **Dialogando... articulando olhar e fala ...**

#### **Fragmento 2**

Contexto: Mãe e bebê (8 meses e 8 dias) estão na sala, deitados no chão.

Mãe	Bebê
1 Cadê mamãe? Ôpa! (olhando para o bebê)	
2	(olha para a mãe)
3 Cadê mamãe? Psiu! (aproxima o seu rosto ao do bebê)	
4	(continua olhando para a mãe)
5 (sussurra) Cadê mamãe?	

Neste fragmento, mãe e bebê interagiram tomando como foco do olhar um ao outro. Desse modo, ocorreu o momento de 'face a face', no qual um estabeleceu contato de olhar com o outro. Aqui, o diálogo se estabelece através da troca de olhares e de postura corporal, no caso a mãe aproxima o bebê de seu rosto, aliado à produção verbal materna, sustentada pelo troca de olhar entre ela e o bebê. Articulando assim, gesto e fala na dialogia.

Neste funcionamento estruturado a partir da ritualização do 'face a face', o diálogo mãe-bebê passa, aos poucos, a ter como foco de atenção tópicos externos, isto emerge nas atividades de atenção conjunta, que como já disse, consiste em "interações sociais nas quais a criança e o adulto prestam conjuntamente atenção a uma terceira coisa, e à atenção um do outro à terceira coisa, por um período razoável" (Tomasello 2003:143).

Assim, num momento mais adiante da relação dialógica, há a inserção da atenção conjunta.

### **A atenção conjunta se estabelecendo no diálogo... centrando num tópico externo.**

#### **Fragmento 3**

Contexto: Mãe e bebê (11 meses e 23 dias) brincando sentados no chão do quarto.

Mãe	Bebê
1 Di quem é essa casinha aqui? (olha para o bebê)	

---

<sup>12</sup> Concebido por Bakhtin (1979:216) como gênero primário. Isto é "os gêneros primários do discurso se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea".

2 (olha para a mãe)  
 3 Óh! Di quem é? (aponta para a casinha de isopor que está sobre a mesa, ao seu lado)  
 4 (segue o apontar da mãe e olha para a casinha de isopor)

O fragmento acima apresenta uma cena de atenção conjunta construída em torno do objeto 'casinha de isopor'. A mãe chama a atenção da criança através da fala: “Ó! Di quem é?” e do gesto de apontar (turno 3). O bebê, então, responde ao chamado da mãe e olha para o objeto destacado pela mãe, construindo assim a cena de atenção conjunta. Nesta situação, gesto — apontar<sup>13</sup> — e fala estão constituindo o turno dialógico, consolidando o diálogo num outro plano: ter como tópico objetos que circundam a díade. Do ponto de vista da classificação gestual de Kendon (2000) há aqui a presença do gesto emblemático, aquele construído simbolicamente pela cultura. Tal como os gêneros que segundo Bakhtin (1979:279)

não são criados a cada vez pelos falantes, mas **são transmitidos sócio-historicamente**. Contudo, os falantes contribuem de forma dinâmica tanto para a preservação como para a permanente mudança e renovação dos gêneros, já que lhes cabe a missão de usá-los e dar-lhes a plenitude de sentido (Grifo meu).

Para ilustrar esta citação de Bakhtin, trago o fragmento a seguir:

**A pantomina... a emergência de outros tipos estáveis de enunciados... o telefonema**

**Fragmento 4**

Contexto: Mãe com um brinquedo na mão simula falar com o pai do bebê.

Mãe	Bebê
(com brinquedo simulando telefone na orelha)	
1 Alô! Papai?! Tudo bem?	
2	(bebê coloca a mão aberta na orelha imitando um telefone e balbuciando 'AAAh'!).

---

<sup>13</sup> O apontar é concebido como o mais explícito gesto para estabelecimento da referência em aquisição da linguagem, tendo inclusive uma morfologia própria desde seu uso inicial até sua convencionalização (Cavalcante 1994).

Aqui há uma fala atribuída materna, quando a mãe fala ao telefone como se fosse o bebê e, imediatamente a este turno a criança assume seu lugar de falante (turno 2), entrando no jogo da pantomima proposta pela mãe para se inserir no gênero telefonema. Aqui também há um funcionamento gesto — pantomima — e produção verbal, que garante o reconhecimento sócio-histórico do gênero discursivo.

Trago ainda um outro gênero que se presentifica na interação mãe-bebê, fruto de uma história dialógica em que a língua se materializa sob a forma do gênero do discurso.

### **A contação de histórias... presença dos gestos emblemáticos... o apontar....**

#### **Fragmento 5**

Contexto: bebê (16 meses) sentado no chão folheia livro de histórias.

Mãe

Observa o bebê

Bebê

(com o livro no chão folheando-o, aponta com o dedo indicador tocando na página do livro) e vocaliza 'Óoo!' olha para câmera de filmagem e em seguida para mãe

Nesse fragmento há a materialização do gênero contação de histórias, tendo o bebê como aquele que inicia a interlocução e convidando o(s) outro(s) (mãe e câmera) a partilhar desta leitura, através do apontar — gesto emblemático e caracterizado culturalmente como dêitico, referenciando a página do livro, seguido da vocalização e do estabelecimento da atenção conjunta, através do olhar do bebê dirigido à câmera e, em seguida à mãe.

Tal como destaca Bakhtin, o gênero é transmitido sócio-historicamente, assim, a criança não cria a contação de histórias, mas o atualiza na sua prática discursiva, funcionando como um falante.

### **Algumas considerações...**

Observa-se através dos fragmentos apresentados de díades mãe-bebê, que os gêneros primários, vão se estabelecendo ao longo da história dialógica, a partir de um funcionamento lingüístico multimodal em que gesto e fala formam o todo discursivo, garantindo a emergência destes gêneros de primeira ordem, com base no estabelecimento da unidade

dialógica, através do manhês e da fala atribuída, e inserido cenas de atenção conjunta.

Encerro este artigo destacando o papel primordial da mudança de perspectiva da noção de língua — de sistema para prática discursiva multimodal —, tal movimento possibilita compreender o processo de aquisição da linguagem, de fato, como a inserção do *infans*<sup>14</sup> na língua, desde o berço, a partir de sua suposição como sujeito falante pelo outro materno. E, sustentado por peculiaridades próprias da interação mãe-bebê como a fala em manhês, dissolve alguns pressupostos dados pela literatura em aquisição da linguagem, a saber: a distinção entre o período pré-verbal e verbal e a dificuldade de perceber o estatuto lingüístico do(s) gesto(s), já que a língua era vista como sistema de categorias, tal como propunha Bruner (1983). Sendo a unidade lingüística gênero discursivo fundamental para garantir este olhar sobre a língua e os falantes desde a mais tenra infância.

### Referência Bibliográfica

- BATES, E.; CAMAIONI, L.; VOLTERRA, V. 1979. The Acquisition of Performatives Prior to Speech. In: OCHS, E.; SCHIEFFELIN, B. B. (orgs.). *Developmental Pragmatics*. London: Academic Press.
- BRUNER, J. 1978. The ontogenesis of speech acts". *Journal of child language*. Vol. 2 N° 1. Cambridge: CUP.
- \_\_\_\_\_. 1983. *Childs Talk*. Oxford: OUP.
- BUTCHER, C.; GOLDIN-MEADOW, S. 2000. Gesture and the transition from one-to-two-word speech: when hand and mouth come together. In: MCNEILL, D. (ed.). *Language and gesture*. Cambridge: CUP.
- CAVALCANTE, M. C. B. 1994. *O gesto de apontar como processo de co-construção nas interações mãe-criança*. Dissertação de Mestrado, UFPE.
- \_\_\_\_\_. 1999. *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. Tese de Doutorado, IEL/UNICAMP.
- \_\_\_\_\_.; NASLAVSKY, J. P. N. A matriz inicial da subjetividade tendo como *locus* a dialogia do/no manhês. In: BRIAN, A.P.; SILVA, M. Silva; LYRA, M. (orgs.). *Microgênese: Estudo do Processo de Mudança*. (A sair pela ARTMED).
- CLARK, E.V. 1978. From Gesture to Word: On the Natural History of Deixis in Language Acquisition. In: BRUNNER, J. S. Brunner;

---

<sup>14</sup> Aquele que não fala, ainda não é um falante.

- GARTON, A. (eds.). *Human Growth and Development*. Oxford: Clarendon Press, p. 85-117.
- DE LEMOS, C. T. G. 1986. interacionismo e aquisição de linguagem. *Revista D.E.L.T.A. Vol. 2*. São Paulo: Editora da PUC-SP.
- \_\_\_\_\_. 1992. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos del cambio. *Substratum, vol.1, n. 1*.
- \_\_\_\_\_. 1995. Língua e discurso na teorização sobre aquisição da linguagem. *Letras de Hoje, no. 4*.
- GOLDIN-MEADOW, S. 1993. When does gesture become language? A study of gesture used as a primary communication system by deaf children of hearing parents". In: GIBSON, K. R.; INGOLD, T. (eds). *Tools, Language and Cognition in Human Evolution*. Cambridge: CUP.
- \_\_\_\_\_.; ALIBALI, M.; CHURCH, R. B. 1993. Transitions in concept acquisition: Using the hands to read the mind. *Psychological Review 100 (2): 279-297*.
- \_\_\_\_\_.; WEIN, D.; CHANG, C. 1992. Assessing knowledge through gesture: Using children's hands to read their minds. *Cognition and Instruction 9 (3): 201-219*.
- KENDON, A. 1982. The Study of Gesture: some remarks on its history. *Recherches sémiotiques/semiotic inquiry 2: 45-62*.
- \_\_\_\_\_. 2000. Language and Gesture: Unity or Duality? In: MCNEIL, D. (ed.), *Language and Gesture*. Cambridge: CUP, pp. 47-63.
- LAVER, J. 1991. *The Gift of Speech. Papers in the Analysis of Speech and Voice*. Edinburgh: Edinburgh University Press. pp. 235-264.
- \_\_\_\_\_. 2000. Unifying principles in the description of voice, posture and gesture. In: CAVE, C.; GUAITELLA, I. *Iterations et comportement multimodaux dans la communication*. Paris: L'Harmattan.
- \_\_\_\_\_.; TRUDGILL, P. 1979. Phonetic and linguistic markers in speech". In: SCHERER, K.; GILES, H. (eds). *Social Markers in Speech*. Cambridge: CUP, p. 1-32.
- \_\_\_\_\_.; HANSON, R. 1981. Describing the normal voice. In: DARBY, J. (ed.). *Evaluation of speech in psychiatry*. New York: Grune & Stratton, p. 51-78.
- MARCUSCHI, L. A. 2005. Oralidade e Letramento como práticas sociais. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (orgs.), *Oralidade e Escrita*. Belo Horizonte: Autentica/MEC/CEEL.
- MCNEILL, D. 1985. So you think gestures are nonverbal? *Psychological Review. Vol 92(3): 350-371*.
- \_\_\_\_\_. 2000. Introduction. In: MCNEILL, D. (ed.). *Language and Gesture*. Cambridge: CUP.



- MORATO, E. M. 2004. O interacionismo no campo lingüístico. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, Vol. 3. São Paulo: Cortez.
- TOMASELLO, M. 2003. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. 1995. Understanding the self as social agent. In: ROCHAT, P. (ed.). *The Self in Early Infancy. Theory and Research*: 449-460. Amsterdam: Elsevier.
- \_\_\_\_\_.; TODD, J. 1983. Joint attention and lexical acquisition style. *First Language*, 4:197-212.
- WERNER, H.; KAPLAN, B. 1963. *Symbol Formation*. Worcester: Clark University.